

CAEI – CONGRESSO DAS AMÉRICAS SOBRE EDUCAÇÃO  
INTERNACIONAL

25 a 28 de abril 2012

## **ESTUDOS CANADENSES NA PERSPECTIVA EDUCACIONAL DAS AMÉRICAS**

**Zilá Bernd**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
e Centro Universitário La Salle (RS)

### **1. Por que e como desenvolver os estudos canadenses no Brasil e na América latina ?**

Na América Latina, alguns se perguntam ainda as razões pelas quais estudamos o Canadá, sua cultura, sua literatura, seus modos de organização social e seu imaginário. Qual a justificativa de tal escolha ? A questão é bastante interessante e oportuna em um momento em que os EC precisam dar, no Brasil, um salto qualitativo importante tendo em vista que a Associação Brasileira de Estudos Canadenses completa, em 2011, vinte anos de sua fundação. Na Europa e nos países da Commonwealth, por exemplo, esta escolha se explica mais facilmente: nesses países, onde a língua oficial é o inglês ou o francês, o desenvolvimento dos estudos canadenses representa uma possibilidade de abertura a uma cultura que, durante um certo tempo, construiu-se no modelo da continuidade em relação às antigas matrizes culturais europeias e, por vezes, na forma de ruptura e de hibridação com outras culturas em presença no território das Américas. Para os latinoamericanos, ao

contrário, os estudos canadenses representam um esforço suplementar, na medida em que nem o inglês nem o francês são nossas línguas maternas. De um ponto de vista histórico, o florescimento dos EC na América Latina são de certa forma improváveis, já que nossas relações de amor de ódio foram tecidas com os países que nos legaram suas línguas: Espanha e Portugal. Cabe portanto a pergunta: qual é o lugar dos EC no contexto latinoamericano ?

Não é tampouco o exotismo do país que nos seduz nesta aventura a qual denominamos de Estudos Canadenses, área que não consta entre as listagens das agências de financiamento brasileiras, tendo que ser incluída na categoria *outras*. O que nos seduz nesse campo disciplinar que são os EC são os esforços desenvolvidos pelos canadenses para encarar a diversidade e encontrar soluções justas e *‘accommodements raisonnables’* com o objetivo de superar uma aporia fundamental: garantir o direito à diferença e ao mesmo tempo buscar as vias da relação e as possibilidades de fundar uma nação sobre as bases do reconhecimento das alteridades. Assegurar o direito à diversidade e permitir, ao mesmo tempo, aos imigrantes que tomem consciência de sua pertença à nação canadense não é uma tarefa simples.

Para nós, no Brasil, os EC adquirem importância na medida em que nos oportunizaram encontrar um elemento que é fundamental em pesquisa: a reciprocidade, isto é, a possibilidade de trocas com nossos colegas canadenses. Por seu lado, a leitura da produção intelectual latinoamericana lhes permite fazer descobertas inesperadas e até mesmo encontrar eventuais soluções face às tensões existentes no Canadá. Uma verdadeira sinergia nasce dessas trocas estabelecidas em ambos os sentidos. Atualmente, esses estudos tiram sua força não somente da cultura do *mainstream*, mas da escritura das margens, das produções dos escritores diaspóricos engajados nos deslocamentos, nas migrações e nas demais mobilidades culturais, que inauguram leituras transnacionais

de obras necessariamente híbridas, não se restringindo aos espaços exíguos do nacional.

## 2. O percurso de uma reflexão

Nesse vasto campo **multidisciplinar** que são os estudos canadenses, nossa trajetória teve início nos anos 1990 e originou, em 1992, a publicação em Montreal de uma obra coletiva (*Confluences littéraires : Brésil/Québec, les bases d'une comparaison*, 1992, Collection l'Univers des Discours, dirigida na época por Antonio Gomez-Moriana). Essa obra acentuava os seguintes elementos: 1. os estudos canadenses e quebequenses no Brasil seriam mais performantes se fossem desenvolvidos na perspectiva comparatista; 2. é possível desenvolver um comparatismo **interamericano**, isto é, sem passar pelas culturas hegemônicas do « centro » (tradição dos estudos comparados no Brasil e na América Latina em geral). Organizado por Michel Peterson e por mim própria, essa obra coletiva teve por objetivo salientar as bases de uma comparação cultural e literária entre o Brasil e o Quebec. A obra se propunha também a explorar e a desenvolver uma abordagem comparatista entre os dois contextos literários. Na época, Wlad Godzich evocava as dificuldades desse tipo de abordagem, ligadas ao fato de a literatura comparada enquanto disciplina ter sido concebida para examinar « as fontes e as influências » das « grandes » literaturas hegemônicas europeias de prestígio sobre as literaturas periféricas. Partindo desse ponto, nossa abordagem continha em si um elemento de subversão do discurso comparatista estabelecido, visto que as literaturas em situação pós-colonial se tornavam o alvo da comparação. Foi possível constatar também que vários conceitos que à época não estavam diretamente ligados ao campo literário deveriam ser considerados: aqueles relativos aos processos identitários e de mestiçagem, às estratégias das minorias, à construção do nacional a partir do

heterogêneo, etc. Rever as estratégias associadas aos *Cultural Studies* foi um dos primeiros aportes da introdução dos estudos canadenses e quebequenses no Brasil; outros se seguiram, como por exemplo:

1. abolição das noções de centro e de periferia;
2. introdução da reflexão teórica canadense, depois caribenha e latino-americana, apesar do grande peso da presença das teorias europeias;
3. transmigração dos conceitos do Norte em direção ao Sul, tais como literaturas migrantes, reciclagens culturais, transnação, entre outras, e do Sul ao Norte, como a antropofagia cultural e a transculturação;
4. desenvolvimento progressivo das reflexões sobre a americanidade, a tomada de consciência de nossa pertença às Américas plurais e a necessidade de ampliar os intercâmbios e as trocas interamericanas.

### **3. A inscrição dos Estudos Canadenses no contexto das Américas plurais: da inter- à transamericanidade**

Um dos principais resultados de nosso interesse pelos estudos canadenses foi a criação, em 2000, de um grupo de trabalho no contexto da ANPOLL, constituído de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras sobre as relações culturais e literárias interamericanas. Por que escolhemos o termo **interamericanas**? Partimos, de fato, de um conceito de interdisciplinaridade/culturalidade baseados na aceitação do princípio de paridade entre os parceiros, de busca de diálogo e de reciprocidade nas trocas de saberes; ou seja, os parceiros de cada um dos campos culturais manifestavam interesse pelo discurso do outro. Se pensarmos hoje na ameaça da « l'inter-action dualiste ou polarisante » (Imbert & Benessaieh, 2010, p. 231) que paira sobre o conceito de interamericanidade, podemos afirmar que o que nosso GT « Relações literárias interamericanas » de fato pratica são pesquisas

**transamericanas.** Essa perspectiva é a única capaz de fragilizar a disjunção das disciplinas e produzir efeitos de transversalidade entre os saberes, não para chegar-se a uma síntese nem para promover um diálogo visando a um consenso. A base transdisciplinar supõe justamente o contrário: é graças ao confronto das diferenças que nascem ideias novas. Utilizada notadamente por Patrick Imbert, a perspectiva transamericana não pressupõe a hierarquização das culturas, mas a ultrapassagem dos limites das línguas e das nações, colocando em evidência sistemas relacionais. Os novos dados que emergem dos Estudos Canadenses abordados do ponto de vista da perspectiva transamericana produzem « deslocamentos dos jogos de poder e desestabilizam as regras sobre as quais havia consenso, propondo novas modalidades discursivas e novas práticas de pesquisa» (cf. Gondar, 2005, p. 14-15). Como M. Jourdan, “qui faisait de la prose sans le savoir”, nós praticamos as relações transamericanas, deixando de assim as denominarmos....

No Brasil, tentamos inscrever os Estudos Canadenses e quebequenses no âmbito das relações inter- e transamericanas, privilegiando uma perspectiva relacional, à imagem do que sugere Édouard Glissant em *Poétique de la Relation*. Partindo das propostas glissantianas, Patrick Imbert e Afef Benessaïeh pensam as identidades transamericanas « dans la perspective relationnelle qui fait ressortir les transformations constantes qui s’opèrent entre les unes et les autres » (2010, p. 232).

Integrar os EC às reflexões desenvolvidas a partir de um lugar de enunciação sul-americano tem a vantagem de poder fundamentá-los em noções que nos são há muito tempo familiares, entre as quais destacamos a antropofagia, a transculturação, a criouldade/crioulização e a mestiçagem. No que diz respeito ao comparatismo interamericano

(Brasil/Quebec/Antilhas), com suas análises dos percursos literários escritos em língua portuguesa e francesa – nosso campo prioritário de ação –, pensamos que essas noções tiveram um papel relevante, abrindo uma nova via de conhecimentos recíprocos. Eles nos permitiram refletir sobre a relatividade de etiquetas tais como literatura nacional, identidade rizomática, alteridade, heterogeneidade, passagens transculturais e hibridação, revistos a partir de um novo olhar impregnado de imagens do Norte. A mobilidade conceitual Norte/Sul gerou estratégias de análise diversas que nos permitiram relativizar o impacto do pensamento europeu ainda muito presente na América Latina.

A mobilidade teórica transamericana, as migrações do Norte ao Sul e do Sul ao Norte criam novas vias de acesso aos textos literários, incontornáveis para apreender as dinâmicas transamericanas, verdadeiros exercícios de transgressão das imposições disciplinares que fixam limites e fronteiras. As mobilidades transamericanas correspondem a táticas de insubmissão face a uma certa tendência ao imobilismo, que pode por vezes caracterizar o trabalho universitário e encerrar os pesquisadores em suas torres de marfim. A estratégia do *trans* associada aos estudos canadenses produz algo de inesperado no âmbito dos estudos culturais. A perspectiva transamericana ilumina a anatomia política, social e simbólica das Américas e recria percursos imprevisíveis.

Na medida em que o *trans* corresponde a ir além, ultrapassar, passar através, ele caracteriza uma forma de mobilidade que favorece a transação em termos de negociação e de renegociação e privilegia a conciliação de interesses aparentemente irreconciliáveis – um procedimento que exige concessões de um lado e de outro, trocas e aceitação recíprocas. No artigo « Transaction » (*Dictionnaire de l'altérité et des relations interculturelles*, 2003), G. Férreol define o conceito de transação como algo que «ne se limite pas à la négociation et à

l'accommodation, mais conduit dans bien des cas à un renouvellement du sens par 'transit', 'métissage' ou 'hybridation' » (p. 339).

## **Conclusões**

O interesse pelo *trans* no Canadá é efetivamente tardio se pensarmos a outros territórios culturais onde o conceito está presente em manifestos culturais desde o início do século XX; consistem em prova disso, a antropofagia cultural no Brasil (1928), a transculturação em Cuba (1940) e a *créolisation* nas Antilhas (1989). Antes da criação da revista canadense trilingue *ViceVersa* em 1983, esse conceito era pouco difundido. Não farei aqui o histórico do percurso das diferentes manifestações da transculturação de 1940 a nossos dias, pois Walter Moser já se encarregou disso em obra que acaba de ser lançada sob a direção de Fulvio Caccia, *La transculture et ViceVersa* (2010). Moser conclui que a *transculturation*, que emerge entre o multiculturalismo canadense e o interculturalismo quebequense, foi domesticada no Quebec. No meu ponto de vista, sua perspectiva é não somente pessimista como injusta quando sabemos que uma plêiade de pesquisadores defenderam arduamente essa abordagem. Foi, por exemplo o caso de Maximilien Laroche, que aborda o fato transcultural em vários de seus livros e sobretudo em *La découverte de l'Amérique par les Américains* (Université Laval, 1989); ou ainda Régine Robin, em *Le roman Mémoires* (1989). Mais recentemente, Patrick Imbert, em *Trajectoires culturelles transaméricaines* (Presses de l'Université d'Ottawa, 2004), Afef Benessaïeh em *Transcultural Americas, Amériques transculturelles*, 2010 e J.F. Côté, com a criação da coleção *Americana* editada pelas Presses de l'Université Laval, fazem uma utilização crítica do *trans* sem tomá-lo como uma panacéia universal. Ao contrário, eles tentam ultrapassar o conceito e redefini-lo à luz da prodigiosa mobilidade da época atual e dos avanços da cibercultura.

Enfim, é interessante lembrar que, entre 2000 e 2003, o Conseil International d'Études Canadiennes (ICCS/CIEC) financiou um grupo de pesquisas com vistas a redefinição dos conceitos de «transferts culturels/transculturalisms» (transferências culturais, transculturalismos/transculturação). À época, não se ousava ainda falar em transculturação ou em transculturalidade, pois tais noções não figuravam nos dicionários de língua francesa. *Vice Versa* já havia proposto transcultura e transcultural, mas a palavra transculturação ainda não era utilizada. A despeito de um uso talvez ingênuo da expressão « transferts culturels », a constituição desse grupo – que apresentou seus resultados em maio de 2003 por ocasião de um colóquio na UQAM (Université Du Québec à MONTREAL) – permitiu « mesurer l'impact des transferts culturels sur les cultures dites nationales, particulièrement la culture canadienne, selon des perspectives historiques et contemporaines » (Projet de recherche sur les transferts culturels, ICCS-CIEC, février 2001).

Tentemos ficar entre o transdisciplinar e o **indisciplinar**, como propõe R. Robin citada na epígrafe: evitemos transformar a « transculturação/transculturalidade» em uma ideologia de Estado complacente ou em uma pura abstração, como nos lembra R. Schwartzwald na apresentação do número 27 da *Revue Internationale d'Etudes Canadiennes* (2003) sobre as Transferências culturais/Transculturalismos. Tentemos compreender o **trans** como « un fragile équilibre relationnel continuellement recréé dans la configuration du moment » (Imbert & Benessaieh, 2010, p. 237).

### **Referências bibliográficas:**

BENESSAIEH, A. « Multiculturalism, Interculturality, Transculturality ». In. : BENESSAIEH (org.) *Transcultural Americas/Amériques*



- transculturelles*. Ottawa, Les Presses de l'université d'Ottawa, 2010, pp. 11-38.
- BERND, Z. *Américanité et mobilités transculturelles*. Québec, Presses de l'Université Laval, 2009. (Collection Americana).
- \_\_\_\_\_. (org.) *Dicionário das mobilidades culturais ; percursos americanos*. Porto Alegre, Literalis, 2010.
- CUNHA, Sheila Santos. *O manifesto da Transdisciplinaridade por Basarab Nicolescu : um breve resumo*. Voir le site Internet : [http://www.a1educar.com.br/mostra\\_evento.php?cd\\_pagina=3342](http://www.a1educar.com.br/mostra_evento.php?cd_pagina=3342).
- CARTA DA TRANSDICIPLINARIDADE. 1<sup>er</sup> Congresso Mundial da transdisciplinaridade, Convento da Arrábida, Portugal, 2-6 nov. 1994. Voir le site Internet <http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net/file.php/1/Documentos da Transdisciplinaridade/Carta da Transdisciplinaridade 1994 - I Congresso Mundial da TransD.doc>
- DION, R. « Um Quebec inter, multi ou transcultural? A ambiguidade de certos anseios de organização cultural ». In: BERND, Z. (org.) *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre, Movimento, 2003, pp. 195-213.
- GONDAR, Jô. « Quatro proposições sobre memória social ». In. : GONDAR, J. & DODEBEI, V. (org.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro, Contracapa, 2005, pp. 11-26.
- IMBERT, P. « Transculturalité et Amériques ». In. : BENESSAIEH, A. (org.) *Transcultural Americas/Amériques transculturelles*. Ottawa, Les Presses de l'Unviersité d'Ottawa, 2010, pp. 39-68.
- IMBERT, P. *Trajectoires culturelles transaméricaines ; médias, publicité, littérature et mondialisation*. Ottawa, Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2004.
- IMBERT, P. & BENESSAIEH, A. Conclusion: « La transculturalité relationnelle ». In. : BENESSAIEH, A. (org.) *Transcultural Americas/Amériques transculturelles*. Ottawa, Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2010, pp. 231-242.
- INTERNATIONAL JOURNAL OF CANADIAN STUDIES/ REVUE INTERNATIONALE D'ÉTUDES CANADIENNES. *Transculturalisms/Transferts culturels*. Ottawa : ICCS-CIEC, n° 27, 2003 (spring/printemps).
- MOREL, Maia (coord.) *Parcours interculturels ; être et devenir*. Québec, Peisaj, 2010.
- MOSER, Walter. « Transculturation: Métamorphoses d'un concept migrateur ». In. : CACCIA, Fulvio. *La Transculture et Vice-Versa*. Montréal, Tryptique, 2010, pp. 33-60.
- OUELLET, Pierre. *Où suis-je : Paroles des égarés*. Montréal, VLB, 2010. (Le soi et l'autre).

